

## PROFESSOR DOUTOR ORLANDO DE CARVALHO<sup>1</sup>

Má sorte a minha que me impõe a violência de ter de falar aqui, neste momento, perante o corpo de um Homem de quem fui amigo durante quarenta anos. Ao perdê-lo, é como se perdesse quarenta anos da minha vida, uma boa parte de mim mesmo.

Apetecia-me o silêncio. Apetecia-me ficar só, entre tantos amigos comuns, vendo, em câmara lenta, o filme desses quarenta anos, quase uma retrospectiva da minha própria vida.

Recebida a notícia da sua morte, passados os momentos do choque, dei-me conta de que devia pensar no que viria hoje dizer aqui.

Sentei-me à mesa e olhei o papel. Durante muito tempo, assim fiquei, atordoado, sem saber o que fazer. A certa altura, não sei porquê, levantei-me da mesa e fui procurar os seus livros de poesia. Reli-os mais uma vez, como se aqueles versos fossem o ar que respirava. Foi, talvez, a maneira mais fácil e mais bela de conversar como o Homem e com o Poeta e de recordar, nas suas próprias palavras, uma das coisas que com ele aprendi: “um poeta não é neutral. Eu não sou neutral”.

E pronto. Não tenho outro remédio senão falar, ainda por cima carregando o peso de saber que as minhas pobres palavras ficarão muito longe das que ele saberia dizer se lhe coubesse honrar alguém como eu gostaria de o honrar a ele, hoje, aqui, neste momento de despedida.

Intervindo aqui como Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito de Coimbra, não vou falar, naturalmente, do meu Amigo, cuja amizade dolorosamente perdi nos últimos anos da sua vida, apesar de, pela minha parte, sempre ter honrado a amizade e a consideração que nunca lhe neguei. Mesmo quando dele discordei - e como me doeu fazê-lo, sempre que as circunstâncias o impuseram —, sempre o fiz com inteira lealdade, por respeito para com ele e em homenagem ao que com ele aprendi.

Estou certo de que todos aqueles que foram — e hei-de continuar a ser — seus amigos autênticos partilharão comigo a dor terrível de termos assistido à solidão amargurada em que viveu estes últimos anos sem lhe podermos minorar o sofrimento, integrando-o plenamente no nosso convívio intelectual e, sobretudo, no nosso espaço afectivo, como nosso companheiro, nosso camarada, nosso Mestre, nosso Amigo.

---

<sup>1</sup> Convidou-me o nosso Presidente Francisco Amaral para escrever um texto sobre a vida e a obra do Doutor Orlando de Carvalho. Honrado pelo convite, foi-me impossível aceitá-lo, desde logo por não ser especialista nas áreas do Direito por ele cultivadas. Ofereci o texto que li, como Diretor da Faculdade de Direito de Coimbra, junto da campa, no dia do funeral do Doutor Orlando de Carvalho. E Francisco Amaral aceitou a oferta. Diria hoje, com a mesma emoção, o que disse então.

Pessoalmente, sofrerei sempre a desgraça de não ter podido acompanhar estes tempos tristes do outono da sua vida, como tive a oportunidade de fazer com o seu pai, de quem guardo a lembrança de um Homem inteiro, inteligente e sensível, honrado e bom.

Quem foi Orlando de Carvalho?

Foi, sem dúvida, uma das pessoas mais inteligentes e mais geniais que conheci. Foi, sem dúvida, uma das pessoas que mais admirei e mais respeitei desde que me reconheço como adulto.

Homem de excepcionais qualidades, não foi imune a fraquezas e defeitos. Ninguém esperaria que eu viesse aqui falar das suas fraquezas e dos seus defeitos. Mas creio que não devo calá-los neste momento: porque tal equivaleria a negar a humanidade a este Homem, que quis viver a sua vida como homem, por mais que alguns de nós o endeusássemos; porque tal significaria fazer eu aquilo que ele tanto detestava: praticar, perante os mortos, a louvaminhice hipócrita. Seria uma afronta intolerável à sua memória, nesta hora da verdade, em que só a verdade é consentida.

Em versos seus, diz ele: “Tive alma de montanha e de condor”.

E eu diria que esta montanha que ele foi atingiu muitas vezes os mais elevados cumes do Everest. Mas ele próprio nos diz, com o rigor que lhe conhecemos: “Fui a virtude e fui pecado e crime”.

“De muitos gostos se fez e faz o meu gosto de viver” — são palavras de Orlando de Carvalho, que dizem lapidarmente o que foi a personalidade riquíssima deste Mestre inesquecível. Desses muitos gostos nos dá conta no prefácio a um livro seu, editado em 1998, num texto que é uma obra-prima como auto-retrato deste Homem de talento multifacetado, que exerceu na literatura, na música, no cinema, no teatro, no ensaio, na ciência jurídica, na docência. “Sou basicamente um homem de letras. Fui para Direito por cedência e tive a desgraça de ser bom aluno. Se assim não tivesse acontecido, seria hoje certamente um diplomata e faria poemas”.

Sirvo-me, mais uma vez, de palavras suas, desta vez falando-nos do que gostaria que tivesse sido a sua vida. Diria que a desgraça de ser bom aluno — com a consequente opção por uma carreira universitária — o teria marcado qualquer que tivesse sido o curso seguido. E, afinal, foi um jurista de excepção. Só não foi diplomata de carreira. Mas foi um requintado homem de letras. E fez poemas, e poemas de primeira égua, para utilizar uma expressão que lhe era tão cara. Como ele próprio nos confessa, sempre receou ser “muito bom jurista para poeta e muito bom poeta para jurista”. Modéstia sua, Doutor Orlando, creio que modéstia autêntica, e excessiva modéstia, apesar de pensar — espero que concorde comigo — que o senhor entendia não ser a modéstia uma virtude que devêssemos levar muito a sério.

A verdade é que o senhor foi, reconhecidamente, muito bom jurista e muito bom poeta, para proveito dos juristas que o estudam e consigo aprendem e para deleite de quantos lêem a sua poesia e com ela se enriquecem.

Orlando de Carvalho nasceu aqui, em Santa Marinha do Zêzere, no dia 1 de Dezembro de 1926.

Concluído o ensino secundário no Porto, matriculou-se como aluno da Faculdade de Direito de Coimbra em Outubro de 1943, vindo a concluir a Licenciatura em Ciências Histórico-Jurídicas em 1948, com a classificação de 18 valores, tendo concluído em 1949 a Licenciatura em Ciências Político-Económicas, também com 18 valores.

Contratado logo em 1948 como assistente do Grupo de Ciências Políticas, foi suspenso do serviço docente em 1949 por motivos políticos.

Por pressão da Faculdade, em especial do seu amigo Doutor Afonso Queiró, retomou o serviço docente em 1950, mas agora no Grupo de Ciências-Jurídicas.

Estudou em Roma e em Colónia, tendo-se doutorado na Faculdade de Direito de Coimbra em 1968 com a classificação de Muito Bom com Distinção e Louvor. Após vários meses de espera — mais uma vez por razões de ordem política —, foi contratado como Professor Auxiliar em Setembro de 1968, reiniciando então a carreira docente, que só interromperia, logo a seguir à Revolução de Abril, durante o período em que exerceu funções governamentais como Secretário de Estado da Reforma Educativa (de início de Maio a fins de Julho de 1974). Em 1977, na sequência de concurso público, foi nomeado professor catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra.

Ainda antes do 25 de Abril, foi representante dos professores auxiliares no Senado (de 1970 a 1973), tendo-se oposto, com a coragem e o vigor que eram seu timbre, às medidas repressivas tomadas contra os estudantes mais activos nas crises académicas que marcaram aquele período da vida coimbrã.

Após a Revolução dos Cravos — para a qual tanto contribuiu, ele que, na Universidade, foi Abril antes de Abril, como já uma vez disse em público no exercício das funções que hoje desempenho —, fez parte da primeira Comissão de Gestão da sua Faculdade, onde foi depois Presidente do Conselho Científico-Pedagógico (de 1974 a 1976), Presidente do Conselho Pedagógico (em 1986/87), Presidente do Conselho Directivo (de 1987 a 1995) e Presidente do Conselho Científico (de 1995 a 1997).

O Doutor Orlando de Carvalho foi um professor de excepcional brilho, todos reconhecendo nele a chama do génio e dotes de oratória que muito raramente se encontram. As suas aulas maravilharam sucessivas gerações de alunos, que assim compensava do alto nível de exigência que punha na avaliação de conhecimentos.

Quantas vezes alguns de nos lamentámos que a dispersão pelos seus múltiplos centros de interesse não lhe deixasse o tempo necessário para escrever mais sobre os temas da sua investigação como jurista. E, no entanto, feito o balanço, ele deixou-nos milhares de páginas escritas sobre temas de Direito Civil, de Direito Comercial, de Direito das Coisas, de Direito Administrativo e de Direito Constitucional, de Direito do Trabalho, de Direito das Empresas, de Teoria do Direito. São trabalhos que abrangem vários ramos do Direito, trabalhos que muitas vezes abriram novos caminhos à investigação e inspiraram a reflexão de outros, sempre iluminados pela sua cultura humanista e pela sua inteligência criadora, sempre escritos numa linguagem rigorosa, primorosamente trabalhada, de apurado gosto literário.

Orlando de Carvalho foi professor dentro das salas de aula da sua Faculdade e de outras várias, em Portugal e no estrangeiro, nas quais deu aulas e proferiu conferências. Mas foi também um inigualável professor em muitos outros espaços onde ofereceu o seu saber multifacetado, os seus dotes literários, os seus conhecimentos artísticos e onde, sobretudo, ensinou e praticou o exercício da cidadania.

Ainda estudante, Orlando de Carvalho foi membro da Direcção do CADC (1944-45), foi dirigente da revista *Estudos* desse organismo católico (1946-47) e foi redactor da *Via Latina* (órgão da AAC).

Após a licenciatura, foi Presidente do *Clube de Cinema de Coimbra* (1959-63 e 1967-69), organismo em que exerceu uma notável acção cultural; fez parte do grupo fundador da revista *O Tempo e o Modo* e colaborou durante anos na revista *Vértice*.

Mas Orlando de Carvalho foi sobretudo um Mestre de pensar e um modelo de cidadania de muitas gerações de estudantes (entre as quais se conta a minha), pela presença assídua em todas as sessões culturais da academia de Coimbra (a animar colóquios, a proferir conferências, a dizer poesia, a apresentar filmes e peças de teatro), pela riqueza estimulante que marcava as tertúlias que animou, nos cafés, nas repúblicas de Coimbra, em sua casa ou em casa de amigos, pelo exemplo que nos deu de coragem pessoal e de coerência política.

A Pide prendeu-o, em Dezembro de 1961, sob a acusação de “influência deletéria junto da academia de Coimbra”, tendo sido libertado em Fevereiro de 1962 por falta de provas. Pois eu posso garantir que são abundantes e inapagáveis as provas da sua influência junto da academia de Coimbra. Revoltámo-nos contra a sua prisão e alegrámo-nos com a sua libertação, porque a Pide, como sempre, não tinha razão: todos nós apreciámos e todos nós lhe agradecemos a influência que exerceu, como nenhum outro Professor do meu tempo de estudante e de professor, sobre a academia de Coimbra. Bem haja por isso, Mestre!

A acção de Orlando de Carvalho como resistente anti-fascista tornou-se pública em 1949, durante a campanha eleitoral em que se apresentou, como candidato da Oposição Democrática, o General Norton de Matos.

Em 1958 assinou, com outros católicos, um manifesto em que se denunciou a ilegitimidade do regime salazarista e o desrespeito pelos direitos humanos, o que lhe valeu um processo no Tribunal Plenário de Lisboa, que não chegou a ser julgado em virtude da amnistia decretada por ocasião do centenário do Infante D. Henrique.

Depois da prisão já referida em 1961 (como membro da comissão distrital de Coimbra da Oposição Democrática às eleições legislativas desse ano), foi de novo preso em Agosto de 1962, acusado de pertencer às Juntas de Acção Patriótica. Preso em Caxias e no Aljube, foi libertado em fins de Setembro, por falta de provas.

Em 1969, teve participação activa no 2.º Congresso da Oposição Democrática e foi candidato por esta Oposição, no Círculo de Coimbra, nas eleições legislativas desse ano.

A Revolução do 25 de Abril veio pôr termo a um processo movido pela Pide contra a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, de que Orlando de Carvalho era membro.

Depois da Revolução, foi, durante algum tempo, membro da Comissão Nacional do MDP-CDE, formação de que se afastou em 1975.

A partir de então a sua actividade política directa foi diminuindo, resumindo-se à sua participação na Assembleia Municipal de Baião (seu concelho natal), eleito como independente nas listas da APU (1976-1980).

Mas a sua acção cívica continuou, nomeadamente como membro do Conselho Português para a Paz e a Cooperação e como membro do Conselho Mundial da Paz e na luta contra o *apartheid*.

Avesso a academias, orgulhava-se de ter sido dirigente do *Clube de Cinema de Coimbra*, de ser sócio e activista do *Ateneu de Coimbra*, de ser sócio da *Associação 25 de Abril*, de ter sido membro do *Tribunal Cívico Humberto Delgado* (1976) e do *Tribunal da Reforma Agrária* (1979).

Agora que a sua vida chegou ao fim, creio que posso dizer aqui, em nome dele e com versos que são dele, que cumpriu o seu destino: “Ficar na confluência dos enganados, / Ouvindo a voz do vento, que me veste, / De pé, anos e anos...”.

É esta a memória que queremos guardar de si, Senhor Doutor Orlando de Carvalho: a de um homem que, por entre ventos e marés, se manteve de pé, anos e anos...

Orlando de Carvalho teve a consciência profunda de que - mais uma vez me sirvo de versos seus - “a humanidade sofre, a humanidade ordena, a humanidade exige do poeta / Que saiba cumprir a Vida”.

E nós sabemos que o senhor soube honrar os seus compromissos de poeta comprometido e de cidadão militante pelas causas do Homem e pela dignidade de todos os homens. O senhor teve a felicidade de saber cumprir a vida.

Semeador de futuro, ele próprio escreveu em outro poema: “Odeio esta gratuita primavera, / Odeio todo o tempo que não dá / o fruto que se espera”.

Continuando a glosar versos seus, direi que “neste país extenuado e exposto / exíguo exílio de si mesmo (...)”, Orlando de Carvalho lutou corajosamente pela liberdade e pela democracia, sofreu a má sorte do seu “(...) país do silêncio nas colinas / e dos corvos ocultos nas cornijas / à espreita das rosas clandestinas”, cantou este “país dos baldios e da esperança adiada”, amou este “rude país indómito e fraterno”, o País que, por iniciativa do Presidente da República Jorge Sampaio, seu amigo, o agraciou, com inteira justiça, com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.

É tempo de terminar, porque as minhas palavras, por mais tempo que eu falasse, nunca seriam capazes de dizer tudo o que gostaria de dizer nesta hora.

Espero que se confirme a sua fé em uma outra vida para além desta. Lá, terá a alegria de encontrar o seu pai e todos os que amou e já partiram. E terá a suprema ventura de encontrar a sua mãe, que tinha estrelas no seu sorriso, “(...) estrelas / Tão brilhantes, tão claras, / Como devia ser a luz do paraíso”.

Até sempre, Doutor Orlando de Carvalho. Os que tivemos o privilégio de ser seus alunos, seus colegas e seus amigos recordá-lo-emos, enquanto formos vivos, comovidamente e com uma imensa saudade.

ANTÓNIO JOSÉ AVELÃS NUNES

**VOTO n.º 61/VIII, aprovado na Assembleia da República:**

Faleceu o Professor Doutor Orlando de Carvalho.

Catedrático Ilustre da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, deixou a marca da sua forte personalidade, do seu profundo saber, da sua exigência e do seu rigor, em sucessivas gerações de estudantes.

Admirado, respeitado e temido, nunca transigiu com facilitismos que pudessem pôr em causa a qualidade da formação dos seus educandos.

O Professor Orlando de Carvalho viveu para a investigação e a docência do direito comercial e civil, ciência em que atingiu o mais alto nível nacional e internacional.

Foi, além disso, e desde os seus tempos de estudante, um homem de ideias, convicções e causas, a que emprestou a foga da sua oratória e o dinamismo do seu empenhamento cívico e político.

Sem contradição, antes em confirmação dessas características da sua forte identidade, revelou-se ainda um sensível poeta, com obra publicada.

A Universidade de Coimbra perdeu um Ilustre Professor. A ciência jurídica perdeu um dos seus cultores mais distintos. O País perdeu um nobre cidadão. Os seus amigos perderam um homem que como poucos valorizou a amizade.

Resta a todos a lição do seu exemplo e o estímulo da sua memória. A Assembleia da República, na sua sessão de 30 de Março de 2000, aprovou um sentido voto de pesar.

Palácio de S. Bento, em 30 de Março de 2000

O Presidente da Assembleia da República: ANTÓNIO DE ALMEIDA SANTOS.